

***Os Lusíadas* na China: Tradução, Disseminação e Recepção**

Zhang Minfen

Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai

Resumo

Desde que *Os Lusíadas* foram traduzidos na China, na década de 1980, têm despertado um crescente interesse tanto no meio acadêmico chinês quanto entre o público em geral. O presente texto tem por objetivo traçar a trajetória da tradução e publicação de *Os Lusíadas* na China, analisando a sua apresentação nas obras de referência à luz da história da literatura estrangeira na China, bem como os estudos realizados por acadêmicos especializados e os comentários de leitores comuns, visando assim aprofundar a compreensão sobre a tradução, disseminação e recepção de *Os Lusíadas* na China.

Palavras-chave: Camões; *Os Lusíadas*; Tradução; Disseminação; Recepção

Abstract

Since *Os Lusíadas* was translated in China during the 1980s, the work has garnered increasing interest both within Chinese academic circles and among the general public. This study aims to outline the trajectory of the translation and publication of *Os Lusíadas* in China, analyzing its representation in reference works in the context of the history of foreign literature in China, as well as examining the studies conducted by specialized scholars and the reviews from general readers, with the ultimate goal of enhancing the understanding of the translation, dissemination, and reception of *Os Lusíadas* in China.

Keywords: Camões; *Os Lusíadas*; Translation; Dissemination; Reception

Camões (1524?-1580) é amplamente reconhecido como uma figura cimeira da literatura portuguesa, ocupando, para Portugal, um lugar de importância comparável ao que Shakespeare representa para a Inglaterra, Goethe para a Alemanha e Dante para a Itália. As suas obras constituem um monumento literário de extraordinária relevância, exercendo uma influência profunda e duradoura tanto na literatura portuguesa quanto no panorama literário mundial. Ele foi um dos primeiros poetas portugueses a serem apresentados e estudados na China, destacando-se entre os primeiros escritores lusófonos a atrair a atenção dos leitores chineses. A sua epopeia, *Os Lusíadas*, não apenas deixou uma marca indelével em Portugal, mas também consolidou a sua relevância no cenário literário global. Para os portugueses, esta obra representa a sua epopeia nacional,

frequentemente considerada uma “Bíblia cultural”, equivalente à *Iliada* e à *Odisseia* de Homero, na Grécia Antiga, ou à *Eneida* de Virgílio, na Roma Antiga. O impacto dessa obra monumental foi tal que a língua portuguesa é frequentemente denominada “Língua de Camões”, e o dia 10 de junho, data da sua morte, foi consagrado como o Dia de Portugal.

Desde que *Os Lusíadas* foram parcialmente traduzidos na China, na década de 1980, têm despertado um crescente interesse tanto no meio acadêmico chinês quanto entre o público em geral. A tradução integral, publicada em 1995, foi reeditada diversas vezes, tornando-se uma das obras da literatura portuguesa mais republicadas na China. No entanto, os estudos sobre esta obra permanecem ainda escassos, sendo a maioria deles limitada a abordagens de caráter geral. Embora alguns estudos tenham abordado a obra sob a perspectiva da literatura comparada ou a partir do ponto de vista histórico, até ao presente, não há investigações dedicadas à tradução, disseminação e recepção desta monumental epopeia, que foi traduzida e introduzida na China desde a década de 1980. O presente artigo utiliza uma metodologia híbrida, combinando análises quantitativas e qualitativas, para mapear o percurso tradutório e editorial de *Os Lusíadas* de Camões na China. A partir da análise da representação nas principais obras de referência, dos estudos especializados e dos comentários de leitores comuns chineses, este estudo visa delinear e discutir as particularidades que envolvem o processo de tradução, disseminação e recepção da obra. Busca-se, com isso, fornecer subsídios para o campo da tradução e a promoção da literatura estrangeira, com ênfase particular na literatura lusófona, no contexto chinês.

1. A tradução de *Os Lusíadas* na China

Os Lusíadas são uma epopeia de grandiosa envergadura, composta por 10 cantos e cerca de 9 mil versos, redigida no português do século XVI. Inspirada nas epopeias clássicas da Grécia e Roma, a obra aborda uma vasta gama de temas, exibindo uma riqueza cultural impressionante, com uma narrativa entrelaçada de reviravoltas complexas. O poema não é apenas a viagem de Vasco da Gama, é o enlace entre a viagem e a história de Portugal. Esta epopeia valoriza profundamente o espírito indomável dos portugueses, que, ao aventurarem-se e superarem numerosos obstáculos e adversidades, demonstram uma coragem extraordinária diante tanto da natureza quanto das divindades.

Naturalmente, a tradução de uma obra tão monumental para o chinês envolve um processo complexo e prolongado. A trajetória tradutória de *Os Lusíadas* na China

percorreu diversas etapas, desde versões parciais até uma tradução integral, seguida por uma revisão e reedição. Este processo pode ser dividido em três fases principais.

A primeira fase decorreu na década de 1980¹, um período de descongelamento cultural na China, marcado pela abertura e reforma, que ampliaram os intercâmbios culturais com o exterior. Tanto o meio académico quanto o público em geral revelavam uma sede insaciável por obras literárias estrangeiras de qualidade, inaugurando uma verdadeira "primavera" para a tradução e o estudo da literatura mundial. Com o estabelecimento das relações diplomáticas entre a China e Portugal em 1979, os intercâmbios culturais entre ambos os países intensificaram-se. Neste contexto, a Fundação Calouste Gulbenkian ofereceu à revista *China em Construção* uma coleção de livros sobre a cultura portuguesa, incluindo uma coletânea completa das obras de Camões. Esse acervo despertou o interesse dos estudiosos chineses especializados na língua portuguesa e tradução literária, motivando-os a explorar o fascinante universo poético de Camões e a conceber a ideia de traduzir e publicar uma antologia dos seus poemas na China.

O êxito inicial da tradução de *Os Lusíadas* na China deve-se em grande parte aos esforços do Dr. António Graça de Abreu, então professor de Português e corretor-tradutor nas Edições em Línguas Estrangeiras de Beijing, da China. Em 1979, nas vésperas do quarto centenário do falecimento de Camões, ele sugeriu ao tradutor Wang Quanli, da Secção de Tradução de Português, a seleção e tradução de algumas poesias líricas de Camões para o chinês, como forma de homenagear o grande poeta. Wang Quanli, por sua vez, organizou uma equipa de tradutores, enquanto Abreu selecionou os poemas a serem traduzidos, incluindo quintilhas, cantigas, motes, sonetos, bem como estrofes selecionadas de *Os Lusíadas*.

Graças aos esforços de Abreu, o projeto de tradução contou com o apoio substancial da Fundação Calouste Gulbenkian, que financiou a publicação da tradução de poemas camonianos. Em 1981, a Academia Chinesa de Ciências Sociais, em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian, lançou em Beijing uma edição bilingue, intitulada *Poesia de Camões*, em chinês e português. A tradução foi realizada por Zhang Weimin, Zhao

¹ É de notar que, em Macau, *Os Lusíadas* postos em prosa por João de Barros, intitulado *Os Lusíadas Contados às Crianças e Lembrados ao Povo*, foram traduzidos para chinês por Luís Gonzaga Gomes e Zhang Yizhi e publicados pela Imprensa Oficial de Macau em 1942. Posteriormente, a obra foi retraduzida por Wang Quanli e Li Junbao e publicada pela Tipografia KAVA em 1980. Esta última versão chinesa foi igualmente divulgada na revista *China em Construção*, por ocasião do IV Centenário da Morte de Camões, em 1980.

Hongying e Li Ping, com a revisão e edição de Wang Quanli. O prefácio, escrito por Chen Guangfu, do Instituto de Literatura Estrangeira da Academia Chinesa de Ciências Sociais, ofereceu uma apresentação sobre a vida e as obras de Camões, constituindo a primeira análise abrangente feita por um investigador chinês sobre o poeta e as suas criações. Os tradutores adotaram o pseudônimo Xiao Jiaping.

António Graça de Abreu escreveu uma breve nota sobre a publicação da coletânea de poemas, na qual afirmou que «a publicação deste livro representará um significativo avanço no intercâmbio cultural entre a China e Portugal» (Abreu 1981:2). A referida antologia inclui a tradução de parte dos cantos primeiro, terceiro, quarto, sétimo e décimo de *Os Lusíadas*, totalizando 21 estrofes. Importa destacar que esta versão parcial conta com três ilustrações, criadas por Zhao Ruichun e Wang Weixin. A ilustração referente ao primeiro canto retrata as armas e os nobres navegadores lusitanos, desbravando mares até então desconhecidos; a do quarto canto figura um venerável e respeitável ancião, que, da praia, dirigia as suas palavras aos marinheiros; enquanto a ilustração do sétimo canto simboliza o poeta na sua peregrinação, segurando, em uma das mãos, a espada, e, na outra, a pena, refletindo a sua trajetória errante e literária.

O conteúdo traduzido nesta fase, embora limitado em sua extensão, proporcionou ao meio académico e aos leitores chineses um primeiro contacto com a monumentalidade desta epopeia. Esta tradução ofereceu ao público chinês, especialmente aos estudiosos e entusiastas da literatura lusófona, uma apresentação do épico clássico de Portugal e ao vasto e intrincado universo mitológico ocidental que o permeia. Assim, desempenhou um papel fundamental na divulgação da literatura clássica portuguesa, da história das navegações portuguesas e do espírito nacional lusitano, abrindo portas para um entendimento mais profundo da cultura portuguesa.

Conforme sublinhou Chen Guangfu, do Instituto de Literatura Estrangeira da Academia Chinesa de Ciências Sociais: «Esta edição bilingue, em chinês e português, será de inestimável valor para todos os que se dedicam ao estudo e à tradução da literatura portuguesa, bem como para aqueles que desejam conhecer melhor Portugal e o seu maior poeta, Luís de Camões» (Chen 1981:2). Além disso, a publicação desta tradução parcial representa um marco significativo no intercâmbio literário entre a China e Portugal, que não apenas consolidou a relação literária sino-portuguesa, mas também lançou as bases para a futura tradução integral de *Os Lusíadas* em chinês, contribuindo significativamente para a difusão do legado camoniano em terras orientais.

A segunda fase da tradução ocorreu na década de 1990, num período de intensificação das reformas e da abertura na China, que proporcionaram um intercâmbio mais intenso e multidimensional com outros países, nas esferas política, económica, científica e cultural. O crescente envolvimento da China no cenário internacional criou condições favoráveis para o desenvolvimento literário, impulsionando de forma significativa a tradução de literatura estrangeira, inclusive a obra camoniana, resultando em traduções mais abrangentes e promovendo a difusão da literatura portuguesa na China.

Em agosto de 1992, a Editora de Documentos de Ciências Sociais de Beijing publicou uma edição parcial da tradução de *Os Lusíadas* em chinês. Esta edição, organizada pelo Comité Editorial da *Coleção de Literatura Portuguesa* do Instituto da Literatura Estrangeira da Academia das Ciências Sociais da China, não é uma tradução integral, mas sim uma versão condensada. O projeto *Coleção de Literatura Portuguesa* foi uma cooperação entre o Instituto da Literatura Estrangeira e a Fundação Calouste Gulbenkian, com o objetivo de promover e divulgar a literatura portuguesa na China. As obras selecionadas para tradução e publicação foram escolhidas de forma colaborativa entre as duas instituições e consistiam em traduções diretas de português. Composta por 10 volumes, a coleção incluía obras de autores portugueses renomados, como Luís de Camões, Eça de Queirós, Miguel Torga, entre outros. *Os Lusíadas*, traduzidos por Zhang Weimin, ocupavam um lugar de destaque nesta coleção, consolidando ainda mais os esforços de tradução e promoção da literatura portuguesa na China.

Nesta edição parcial, foram selecionados trechos cuidadosamente escolhidos da obra original, abrangendo os seguintes excertos: o primeiro canto (estrofes 1 a 12); o segundo canto (estrofes 16 a 65); o terceiro canto (estrofes 20, 21, e 98 a 135); o quarto canto (estrofes 7 a 44 e 84 a 104); o quinto canto (estrofes 1 a 23 e 37 a 61); o sexto canto (estrofes 6 a 57 e 70 a 91); o sétimo canto (estrofes 1 a 3 e 77 a 87); o oitavo canto (estrofes 97 a 99); o nono canto (estrofes 16 a 95); e o décimo canto (estrofes 145 a 156). Embora esta edição não contenha a tradução integral da epopeia, a seleção dos cantos foi cuidadosamente realizada para garantir a continuidade e coesão narrativa da epopeia, mantendo, assim, a sua essência, e transmitindo os seus elementos mais suscetíveis de impressionarem o leitor. Esta publicação ofereceu, pela primeira vez na China, uma apresentação relativamente ampla desta obra monumental, cuja influência é inegável na formação da identidade e da literatura portuguesas.

Além da tradução dos versos, esta edição foi enriquecida com notas explicativas que visavam esclarecer o significado de diversos nomes geográficos, personagens, mitos

e histórias bíblicas, proporcionando um apoio crucial à compreensão plena da obra. A edição inclui ainda uma nota editorial, elaborada pelo Comité Editorial da série *Literatura Portuguesa*, que apresenta em detalhe as origens e o contexto do projeto tradutório. O prefácio, redigido por Lin Yi'an, vice-editor da série, apresenta uma biografia concisa do poeta, acompanhada de uma síntese dos cantos traduzidos e do conteúdo principal de *Os Lusíadas*. Na sua análise, Lin Yi'an destacou que

o mais significativo conteúdo ideológico desta epopeia, ou o seu aspeto mais profundo e revelador, reside na representação do espírito indomável do homem, que triunfa sobre a natureza e os deuses, simbolizando a capacidade humana de prever e moldar o futuro. Este é elemento essencial que os leitores contemporâneos devem absorver de *Os Lusíadas*, uma obra que combina o pensamento humanista com o espírito cavalheiresco (Lin 1992: IV).

Para uma compreensão mais profunda e abrangente de *Os Lusíadas* — que permita apreender as reflexões do poeta sobre filosofia, religião, etnicidade, sociedade e personagens, bem como captar o seu inegável encanto linguístico, literário e artístico —, torna-se imprescindível contar com uma tradução integral da obra. O ano de 1995 representou um marco relevante nesse processo tradutório na China. Após a publicação da versão parcial realizada por Zhang Weimin em 1992, alcançou-se, em 1995, a conclusão da tradução completa de *Os Lusíadas*, da responsabilidade deste mesmo tradutor. Em abril nesse ano, com o patrocínio da Fundação Oriente de Portugal, a Editora da Federação de Literatura da China lançou a versão integral de *Os Lusíadas* em chinês, oferecendo aos leitores uma oportunidade singular de imersão total neste clássico monumental da literatura portuguesa. A publicação desta tradução completa constitui um avanço decisivo na disseminação da literatura portuguesa na China, não apenas consolidando o papel de Camões como uma figura central no intercâmbio literário entre os dois países, mas também ampliando o horizonte dos estudos lusófonos no mundo chinês. Este feito editorial permitiu que os leitores chineses pudessem, pela primeira vez, contemplar integralmente a grandiosidade épica de *Os Lusíadas* e a sua profunda influência sobre a identidade cultural e literária de Portugal.

Ao comemorar a publicação da primeira tradução integral deste monumental épico, o Dr. Justino Mendes de Almeida, então reitor da Universidade Autónoma de Lisboa, sublinhou no prefácio a relevância de se apresentar o universo fantástico de Camões a um

vasto público leitor, transformando-o num tema inesgotável de estudo para académicos, tanto nacionais quanto internacionais. Além de apresentar o conteúdo do poema e destacar a importância da sua tradução integral, Mendes de Almeida forneceu orientações para uma leitura mais aprofundada da obra, oferecendo chaves interpretativas que amplificam a sua receção crítica. O prefaciador também refletiu sobre as diversas traduções de *Os Lusíadas* ao redor do mundo, expressando a sua satisfação com a publicação da versão em chinês, recebida com grande entusiasmo pela comunidade académica dedicada aos estudos camonianos. Mendes de Almeida destacou a importância dessa tradução, que abriu as portas do fascinante universo camoniano a novos leitores e estudiosos, sublinhando que Camões continuava a ser uma fonte inesgotável de interesse e prazer intelectual, tanto para investigadores quanto para o público global (Almeida 1995: 1-4).

Comparada com a tradução parcial da década de 1980, o maior mérito desta edição completa reside na inclusão extensiva de notas explicativas ao final do livro, as quais facilitam consideravelmente a compreensão do épico e enriquecem o conhecimento dos leitores sobre a cultura europeia e o contexto histórico e mitológico da obra. *Os Lusíadas* (1572) distinguem-se não apenas pela sua riqueza linguística, mas também pela complexidade e obscuridade das suas alegorias. Os nomes geográficos, as personagens, as divindades e as referências à mitologia grega e romana presentes na obra constituem desafios consideráveis para o leitor comum. Para enfrentar tais obstáculos, o tradutor incluiu 880 anotações explicativas, uma adição de imensa importância para os leitores chineses, particularmente para aqueles sem um conhecimento prévio da história e cultura ocidentais. Essas notas explicativas desempenham um papel fundamental na compreensão da essência cultural da obra, permitindo uma interpretação mais profunda e enriquecedora da poesia camoniana. Assim, a edição não apenas traduz o poema, mas também o contextualiza, facilitando um diálogo mais frutífero entre o leitor contemporâneo e a rica herança literária portuguesa.

Em 1998, a Editora da Federação de Literatura da China lançou uma nova edição da tradução integral de *Os Lusíadas*, anteriormente publicada em 1995. A edição original de 1995 apresentava na capa uma impressionante ilustração de uma caravela portuguesa navegando em um vasto oceano, conferindo à obra uma representação visual que evocava a grandiosidade das explorações marítimas. Na reedição de 1998, a capa foi reformulada, apresentando o retrato do poeta Camões, assinalando a primeira vez que a imagem deste ilustre poeta foi apresentada em uma publicação na China.

A terceira fase assinala um período de notável proatividade das editoras chinesas no século XXI. Com o acelerado desenvolvimento económico da China, essa era foi marcada por uma prosperidade sem precedentes na indústria editorial e nos estudos de literatura estrangeira. Além disso, o século XXI testemunhou um crescimento significativo do ensino da língua portuguesa na China, evidenciado pela criação de cursos de graduação em português em diversas universidades e o estabelecimento de programas de mestrado em algumas instituições de ensino superior. Esse avanço não apenas fomentou o interesse e o entusiasmo pela literatura em língua portuguesa, mas também estimulou a tradução e a publicação de obras neste idioma, consolidando um intercâmbio cultural mais intenso e dinâmico entre a China e os países lusófonos.

Em 2016, quatro estudiosos chineses, movidos pela profunda admiração por Camões, e, em particular, pela sua obra-prima *Os Lusíadas*, manifestaram o desejo de lançar uma nova versão da tradução. Com a autorização do tradutor original Zhang Weimin, e sob a sua orientação direta, a equipa fez uma revisão da tradução anterior, realizando ajustes em algumas expressões e termos, além de adaptar parte das notas explicativas. Esta versão revista foi publicada em janeiro de 2020 pela Editora de Literatura e Arte de Sichuan e lançada simultaneamente em Macau pelo Instituto Cultural do Governo da Região Administrativa Especial de Macau.

Nas edições anteriores, não consta qualquer nota do tradutor. Todavia, nesta nova versão, os quatro revisores incluíram um prefácio no qual discorrem sobre a biografia de Camões, o contexto que suscitou a reedição desta tradução, bem como os pormenores do processo tradutório da epopeia, realizado por Zhang Weimin. Ao final do prefácio, propõem aos leitores orientações valiosas para uma apreciação mais profunda e enriquecedora desta obra. Esta edição foi lançada em um formato luxuoso, primorosamente encadernada, com uma capa com ilustração de apurado gosto estético e uma paleta de cores frescas e vibrantes. A capa destaca o vasto oceano desbravado pelos intrépidos navegadores lusitanos. Na contracapa, um excerto de José Saramago, laureado com o Prémio Nobel de Literatura, presta homenagem a Camões e à sua obra magna *Os Lusíadas*, com o propósito de despertar o interesse do público e promover uma adesão mais ampla à leitura deste monumento literário.

Sem dúvida, a reedição de uma tradução de *Os Lusíadas*, após mais de duas décadas de silêncio, representa uma satisfação inegável para os estudiosos da literatura lusófona. Esta nova edição, que introduziu alterações tanto no design da capa quanto em algumas expressões linguísticas, reinseriu o fascinante universo poético de Camões no panorama

literário chinês, reacendendo o interesse e a atenção dos leitores, tanto pelo poeta quanto pela sua obra. Além disso, a publicação desta tradução, promovida de forma proativa por uma editora chinesa, evidencia o crescente envolvimento da indústria editorial da China com a literatura portuguesa. Este movimento não apenas amplia a presença da obra camoniana no contexto literário chinês, mas também impulsiona o intercâmbio cultural entre a China e Portugal, fortalecendo os laços literários entre as duas nações.

Embora o número de edições traduzidas de *Os Lusíadas* para o chinês seja relativamente reduzido, as versões disponíveis apresentam uma diversidade em termos de conteúdo, formato, critérios editoriais e outros aspetos. A título de exemplo, a edição de 1980 é bilingue, enquanto outras se encontram apenas em chinês. No que respeito à apresentação física, as traduções variam entre a capa dura e a simples brochura. Além disso, existem edições com tradução parcial, focando nos principais cantos da epopeia, também há versões integrais, acompanhadas de notas explicativas do tradutor, contribuindo significativamente para uma compreensão mais profunda da obra.

2. *Os Lusíadas* nas obras de referência

Embora as relações entre a China e Portugal possuam uma longa história, o intercâmbio literário entre ambos os países tem-se mostrado bastante restrito. A introdução e a disseminação da literatura portuguesa na China ocorreram de forma tardia, em grande parte devido ao início tardio do ensino da língua portuguesa no país, com os primeiros cursos surgindo apenas na década de 1960. A partir do período de reforma e abertura, os estudos sobre a literatura portuguesa começaram a ganhar relevância, embora ainda não se tenham desenvolvido de maneira sistemática. Até o presente momento, nenhum académico chinês publicou uma obra especializada sobre a história da literatura portuguesa. A presença dessa literatura no contexto chinês limita-se a algumas publicações que abordam a literatura estrangeira ou europeia de forma relativamente superficial e fragmentada. No entanto, em qualquer obra que se proponha tratar da literatura portuguesa, a menção a Camões e a *Os Lusíadas* é inevitável, refletindo a importância duradoura e a influência deste autor na tradição literária portuguesa.

Na *Grande Enciclopédia - Volume de Literatura Estrangeira*, apresenta-se de forma sucinta a biografia de Camões, atribuindo-lhe uma distinção notável. Os editores caracterizam-no como «o maior poeta da história de Portugal, ressaltando que a sua data de falecimento, 10 de junho, foi instituída como o Dia Nacional de Portugal» (Xia 2007: 387). O texto sublinha a vasta produção literária de Camões, destacando a sua epopeia *Os*

Lusíadas que narra a expedição do navegador português Vasco da Gama à Índia. A obra não apenas exalta a gloriosa história de Portugal e o espírito heroico do seu povo, mas também é amplamente reconhecida como a mais importante criação do Renascimento português.

A obra *História do Intercâmbio Literário entre a China e o Ocidente: China-Portugal* (Yao 2014) constitui, até ao presente momento, o estudo mais aprofundado sobre a literatura portuguesa na China. O autor dedica um capítulo integral a Camões e à sua produção literária, sublinhando-o como o verdadeiro expoente do «século de ouro» da literatura clássica portuguesa. A sua epopeia, *Os Lusíadas*, documenta a era gloriosa das navegações portuguesas do século XVI, oferecendo uma síntese magistral entre mitologia e realidade. A épica não apenas celebra os feitos heroicos de Vasco da Gama, como também mitifica a história de Portugal, baseando-se, no entanto, nos eventos históricos reais, e exaltando as grandes conquistas dos portugueses diante das adversidades. Para o imaginário nacional português, *Os Lusíadas* são considerados a «Bíblia da Pátria», oferecendo um profundo consolo espiritual e um sentimento de identidade à nação. Na observação do autor, a epopeia camoniana reflete tanto o esplendor quanto as tribulações de Portugal, situando-se na confluência entre história e cultura, e suscitando uma reflexão crítica sobre o nacionalismo e a noção de superioridade cultural.

No primeiro volume da *História da Literatura Europeia*, intitulado *Literatura Europeia da Antiguidade ao Século XVIII*, encontra-se um capítulo dedicado à literatura portuguesa, em que Luís de Camões se destaca como a figura central. Os editores descrevem-no como um «eminente escritor do Renascimento em Portugal». O século XVI é apresentado como o apogeu da história portuguesa, sendo Camões considerado a figura mais proeminente dessa época, retratado tanto como poeta quanto cavaleiro. O seu legado maior, *Os Lusíadas*, combina ideias humanistas com o espírito cavaleiresco. Embora Camões se tenha aventurado por diversos géneros, tanto poéticos como dramáticos, foram *Os Lusíadas* que lhe garantiram a fama eterna. A obra narra a história, a realidade e as predições visionárias sobre o futuro de Portugal, denunciando as corrupções na corte e na administração burocrática, bem como teias de interesse, enquanto exalta a gloriosa história do reino português e a resiliência do povo lusitano. Além da riqueza do seu conteúdo, *Os Lusíadas* são celebrados pela profundidade filosófica e, acima de tudo, pela opulência e beleza da sua linguagem, atributos que consagram Camões como «um dos maiores poetas e mestres da língua portuguesa». Os seus trabalhos foram amplamente imitados por gerações subsequentes. Os editores concluem que «este ilustre poeta do

Renascimento europeu é um orgulho para o povo português e um precursor do humanismo na Península Ibérica» (Liu&Luo 2019: 180-182).

É relevante destacar as traduções para o chinês de obras sobre a história da literatura portuguesa, elaboradas por estudiosos portugueses, que têm desempenhado um papel fundamental na divulgação deste campo na China.

A primeira tradução para o chinês de uma história da literatura portuguesa foi a de *História da Literatura Portuguesa*, de António José Saraiva, publicada em 1982 pela Sociedade de Cultura de Macau, com tradução de Zhang Weimin. O oitavo capítulo desta obra, intitulado "Camões", é dedicado exclusivamente à análise da produção literária de Camões, oferecendo um panorama abrangente do Renascimento português e proporciona uma compreensão aprofundada do processo evolutivo da literatura portuguesa até o século XVII. O capítulo enfatiza sobretudo a poesia e os autos camonianos, com destaque para a epopeia *Os Lusíadas*.

Em 1983, o Instituto de Literatura Estrangeira da Academia Chinesa de Ciências Sociais, em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian, lançou uma outra versão chinesa desta obra, com tradução realizada por Lu Xiuyuan e Lin Li.

Em 1998, a Editora da Federação de Literatura da China publicou a tradução chinesa da *História da Literatura Portuguesa*, de autoria de Maria Leonor Buescu, traduzida por Yao Yuexiu. Esta versão oferece uma análise detalhada de trechos de *Os Lusíadas*, explorando como a narrativa reflete o pensamento humanista e avaliando os contributos literários e ideológicos de Camões. A epopeia, além de enriquecer a literatura portuguesa, oferece recursos culturais e ideológicos valiosos para o humanismo do Renascimento europeu.

A publicação destas traduções para o chinês desempenhou um papel crucial na apresentação e no estudo da literatura portuguesa na China, além de promover o ensino desta literatura em diversas instituições de ensino superior. Algumas universidades passaram a utilizar essas traduções como material didático em cursos de história da literatura portuguesa. As informações e análises sobre Camões e as suas obras contidas nestes livros contribuiriam certamente para a disseminação e o aprofundamento dos estudos sobre *Os Lusíadas* na China.

3. Estudos sobre *Os Lusíadas* no meio académico chinês

Desde que *Os Lusíadas* foram traduzidos e apresentados na China na década de 1980, a obra tem despertado crescente interesse no meio académico chinês. Embora o

número de estudos seja ainda relativamente modesto, os investigadores têm abordado a epopeia camoniana sob diversas perspetivas.

Entre os estudos de carácter geral, destaca-se a monografia *O Grande Mestre da Épica Portuguesa: Camões*, que apresenta uma visão panorâmica de *Os Lusíadas*. Esta obra oferece uma apresentação detalhada dos principais episódios da epopeia, analisando os capítulos mais importantes, constituindo uma valiosa orientação para a compreensão do público chinês. Os autores enaltecem *Os Lusíadas* como um hino à humanidade, afirmando que o destino dos lusitanos se encontra nas suas próprias mãos. Sublinha-se ainda que a obra «transmite a conceção de que o ser humano, por meio dos seus próprios recursos, é capaz de superar os obstáculos, inclusive aqueles impostos pelas divindades, forjando, assim, o seu próprio futuro e destino » (Xu & Wang 2021: 47).

A partir de uma perspetiva geral, no artigo intitulado "Camões e *Os Lusíadas*" (Li 1980), argumenta-se que, embora seja possível identificar a influência de Homero e Virgílio nas técnicas narrativas e nas escolhas temáticas da epopeia, Camões não deve ser entendido como um simples imitador dos clássicos. Pelo contrário, o poeta consegue integrar, de maneira harmoniosa, o passado e o presente, a narrativa épica e a lírica, conferindo à obra um estilo inconfundível e um encanto singular. A epopeia, nesse sentido, não apenas retrata um espírito nacional português, mas também reflete uma profunda melancolia e saudade que, ao longo do tempo, se converte em uma nostálgica recordação dos tempos áureos.

Do ponto de vista geral, Sun Cheng'ao exalta a grandiosidade e amplitude da epopeia, realçando que *Os Lusíadas* não se limitam a oferecer uma descrição vívida da jornada de Vasco da Gama à Índia, como também descreve personagens e eventos históricos, além de profetizar o futuro de Portugal. A obra distingue-se pelo retrato tanto de figuras humanas comuns quanto das diversas representações dos deuses do Olimpo, integrando explicações sobre conceitos geográficos antigos e novos conhecimentos científicos da época. O autor sublinha ainda que as «grandes descobertas marítimas de Portugal exerceram um papel incontestável no progresso mundial, e que o espírito pioneiro dos navegadores portugueses é digno de louvor » (Sun 1994). Contudo, Sun adverte que a obra adota uma perspetiva que embeleza a expansão colonial portuguesa, sendo, portanto, essencial considerar esse viés ao apreciar a obra.

No artigo intitulado "Lendo Camões" (Wei 2012), Wei Pizhi faz uma apresentação geral sobre a vida e a produção literária de Camões. Na observação do autor, os personagens em *Os Lusíadas* são impregnados de idealismo, enquanto o realismo

camoniano se revela principalmente na sua atenção à história de Portugal e na crítica à frota de Vasco da Gama, evidenciando as nuances colonialistas das grandes descobertas marítimas. O autor exalta o elevado valor literário da epopeia, destacando a maneira como Camões integra a celebração dos ideais da Antiguidade clássica, característica do Renascimento, com o enfoque realista e humanista que se consolidava no século XVI. *Os Lusíadas* são, portanto, descritos como uma «épica nacional» e uma «bíblia nacional».

Do ponto de vista da literatura comparada, destaca-se o artigo "O Poeta Camões: Realidade e Lenda" (Yao 2012:103-114), em que o autor analisa a representação da China em *Os Lusíadas*, argumentando que «a imagem da China no poema está intrinsecamente ligada à imaginação coletiva da época, sendo descrita, em muitos textos, como um vasto e fértil território governado por um monarca moralmente elevado». De acordo com o autor, tanto Camões quanto a sua poesia são elevados à condição de "mitos".

Atualmente, em Macau, encontra-se a chamada Gruta de Camões, onde se alega que o poeta teria escrito parte de *Os Lusíadas*. Yao observa que essa lenda «evoluiu para um mito», sendo o local conhecido como «Jardim de Camões». Nesse espaço, uma estátua de bronze do poeta foi erigida em frente à gruta onde supostamente escrevia, cercada por monumentos esculpidos por chineses e portugueses que enaltecem a sua figura. O jardim torna-se uma parte integrante da memória cultural de Macau e um símbolo marcante da imagem projetada pelos colonizadores.

Além disso, a história de que Camões se teria apaixonado por uma jovem chinesa confere um toque romântico ao mito, fortalecendo a crença de que o poeta residiu em Macau e teve um romance na região. Embora o autor reconheça que o artigo está permeado de um certo «centrismo português», o seu valor literário e humanístico é inegável, refletindo o elevado nível de organização e um vasto conhecimento geográfico e cultural do poeta.

No artigo intitulado "As Semelhanças e Diferenças Entre *Os Lusíadas* e as Epopeias Gregas" (Zhou 2021: 28-29), Zhou Ning adota uma abordagem de literatura comparada para analisar as afinidades e distinções entre *Os Lusíadas* e as epopeias gregas, como *Iliada* e *Odisseia*, com ênfase na estrutura épica, nos sistemas teológicos e nas características dos personagens. Conforme a autora, apesar de *Os Lusíadas* partilhar um sistema mitológico altamente semelhante ao das epopeias homéricas, a obra foi elaborada durante o período da Renascença em Portugal, uma nação católica, refletindo, assim, um notável viés religioso católico.

Camões, ao incorporar o sistema mitológico grego na sua criação épica, integrou de forma hábil o espírito católico e as narrativas bíblicas, conferindo a *Os Lusíadas* a preservação da tradição politeísta da literatura clássica, enquanto adicionava uma dimensão de devoção católica ao Deus cristão.

Na opinião da autora, Camões apresenta intencionalmente as ninfas do rio Tejo, que banha Portugal, como as suas musas, demonstrando que, para ele, essas figuras mitológicas portuguesas são tão dignas quanto as musas gregas, evidenciando um forte sentimento de orgulho nacional. O poeta estabelece comparações recorrentes entre as façanhas navais dos portugueses e as viagens marítimas narradas nas epopeias gregas, contrastando a travessia de oceanos pelos lusitanos com a navegação mediterrânea de Eneias e Ulisses, a fim de enaltecer a grandeza dos navegadores portugueses. Dessa forma, o espírito renascentista em *Os Lusíadas* manifesta-se não apenas na continuidade das tradições épicas gregas, mas também na ambição do poeta de rivalizar e, até mesmo, superar essas tradições.

Na análise da autora, a inclusão de um enigmático velho sem nome, que critica implacavelmente os motivos das aventuras marítimas, sugere que Camões, ao introduzir tal personagem, poderia estar a revelar o lado menos glorioso das grandes navegações. Essa abordagem destaca o espírito crítico dos poetas da Renascença. Segundo a autora, este aspeto crítico não é tão claramente perceptível nas epopeias gregas.

Outro estudo abordado sob a perspectiva da imagiologia em literatura comparada é o de Zhou Yunlong, intitulado "O Olhar das Ninfas: Sexo, Império e Imagens da Ásia em *Os Lusíadas*" (Zhou 2020: 94-102). De acordo com o autor, embora *Os Lusíadas* descrevam a viagem de Vasco da Gama na «descoberta» da Índia, a sua análise não deve limitar-se à perspectiva do «nacionalismo». No contexto imperial, observa-se que as representações da Ásia na obra desempenham uma função ideológica na formação do sujeito reflexivo da Europa Moderna Inicial.

As cenas de amor em ilhas míticas são interpretadas como uma representação simbólica da viagem portuguesa de «descoberta» da Índia. Nesse contexto, as mulheres, enquanto figuras conquistadas, contrastam com a masculinidade do império português; ao mesmo tempo, essa masculinidade é subvertida, tornando-se «presa» de figuras femininas ou asiáticas. A ambiguidade e contradição presentes no texto épico refletem estruturalmente os fatores perturbadores internos da epopeia, evidenciando um

sentimento de alienação do narrador em relação à sua própria cultura. Essa alienação é atribuída às experiências de viagem de Camões na Ásia, assim como ao declínio do império português, com os estereótipos associados à Ásia e às mulheres reiterados.

Sob uma perspectiva histórica, Gu Weimin oferece uma análise sobre a trajetória de Vasco da Gama, que parte de Portugal, percorre a costa ocidental de África, caracterizando essa jornada como um percurso repleto de romantismo, integridade e turbulência. O artigo contextualiza a obra no âmbito da Contra-Reforma católica da Europa do século XVI, do espírito humanista renascentista voltado para a exploração e descoberta, da origem nacional dos portugueses e da história das navegações rumo à Índia e ao Extremo Oriente. Além disso, o estudo explora os conhecimentos antropológico, geográfico e religioso da época, a fim de analisar o conteúdo e o significado histórico do épico *Os Lusíadas*.

Quanto à estrutura do poema, o autor sustenta que «Camões não é um mero imitador; ele transcendeu tanto a estrutura quanto o conteúdo de *A Eneida* ». O poema incorpora o conhecimento antropológico, geográfico e religioso sobre o Oriente adquirido pelos portugueses durante a Era dos Descobrimentos. Desde a sua publicação, *Os Lusíadas* foram traduzidos para várias línguas e são amplamente reconhecidos como uma das obras mais proeminentes da literatura portuguesa da sua época (Gu 2015:121-130).

Também há outros estudiosos que fazem breves referências a *Os Lusíadas* nos seus trabalhos. Por exemplo, Chen Zhongyi, especialista em literatura espanhola, discute o poema épico no seu artigo intitulado "A Estratégia Cultural de Precedência do Poder Ocidental na Literatura Clássica Hispânica e Portuguesa" (Chen 2011:1-6). Neste estudo, Chen observa que *Os Lusíadas* contêm diversas menções à China, destacando a profunda admiração que o poeta manifesta pela China.

Pode-se ver que os estudos sobre *Os Lusíadas* realizados por investigadores chineses ainda se encontram em um estado relativamente inicial e com estudos reduzidos, concentrando-se principalmente em apresentações gerais da obra, abordagens da literatura comparada ou interpretações do seu significado ideológico. Há uma carência de análises aprofundadas da epopeia a partir das perspectivas linguística, estética, literária, de personagens ou do caráter nacional português. Além disso, faltam estudos especializados e cuidadosos do conteúdo do épico, e os resultados das investigações são escassos, não havendo, até ao momento, obras de pesquisa mais abrangentes ou teses académicas sobre o tema. As causas dessa falta são múltiplas: por um lado, a literatura em língua portuguesa ainda não ocupa uma posição de destaque no cenário literário chinês, resultando em um número reduzido de especialistas na área; por outro, a promoção de traduções e o acesso

a materiais de pesquisa pertinentes permanecem restritos na China, limitando assim o desenvolvimento de um estudo mais aprofundado sobre *Os Lusíadas* e a sua importância no contexto literário e cultural.

4. Receção de *Os Lusíadas* entre os leitores comuns chineses – uma análise dos comentários no Douban²

Após a introdução de *Os Lusíadas* na China, na década de 1980, esta obra monumental começou a despertar o interesse e a atenção dos leitores chineses. Como uma das primeiras manifestações da literatura portuguesa a tornar-se acessível ao público chinês, as avaliações e comentários registados no *site* Douban refletem uma vasta gama de opiniões e perceções. Esses registos constituem uma base valiosa para a análise do processo de receção desta epopeia pelo público em geral na China, proporcionando uma visão clara das impressões suscitadas pela obra.

A edição de 1992, que apresenta uma tradução parcial de *Os Lusíadas*, conta com apenas dois comentários no Douban, mas já revela algumas perceções dos leitores. Um dos comentários apontou que a emoção transmitida pela epopeia era menos intensa em comparação com a dos poemas líricos, enquanto o outro questionou a qualidade da tradução, argumentando que a versão em chinês não conseguia evocar o mesmo impacto emocional da obra original. Esses testemunhos são indicativos das dificuldades que as traduções literárias frequentemente enfrentam ao tentar preservar a profundidade e a nuance do texto original, especialmente em uma obra tão rica e complexa quanto *Os Lusíadas*. Essa situação ressalta a importância de um enfoque cuidadoso na tradução, a fim de capturar não apenas o sentido literal, mas também as subtilezas emocionais que caracterizam a obra de Camões.

Com o lançamento da tradução integral de *Os Lusíadas* em 1995, seguido da sua reedição em 1998, a obra passou a atrair muito mais interesse e atenção dos leitores, que expressaram uma variedade de perspetivas no Douban. Um total de 34 leitores contribuiu com comentários, resultando numa classificação geral de 7,9 pontos (numa escala de 0 a 10). Contudo, os comentários foram diversos e revelaram tanto apreciações quanto controvérsias, evidenciando a complexidade e o carácter polémico que envolve a epopeia. Essa pluralidade de opiniões não apenas reflete a riqueza temática da obra, mas também

² www.douban.com - a maior plataforma chinesa dedicada a informações, comentários e análises sobre literatura, música e filmes, com centenas de milhões de leitores, consultado em 20/09/2024.

suscita discussões sobre a sua relevância cultural e histórica no contexto contemporâneo, reforçando a importância de um diálogo crítico acerca de *Os Lusíadas* entre os leitores chineses.

Alguns leitores expressaram apreço pelo contexto criativo de *Os Lusíadas* e pelas escolhas literárias de Camões. Um dos comentários destacou que a obra demonstrava a coragem e o espírito pioneiro e aventureiro dos portugueses, além de refletir a visão global que Portugal tinha do mundo naquela época. Em relação ao conteúdo, um leitor observou que o enredo principal era a jornada de Vasco da Gama à Índia, seguindo o estilo das epopeias clássicas gregas e romanas, intercalado com a intervenção divina na vida humana. Além disso, o épico elogia a sagacidade e o espírito dos lusitanos, refletindo também os ideais do humanismo. Outro leitor destacou que Camões empregou «uma narrativa épica semelhante à de Homero, revelando um estado de espírito único». Na visão desse leitor, o autor mesclou habilmente mitologia greco-romana, elementos cristãos e o contexto histórico do império português, criando um mundo de história imaginativa e profunda. Ele ficou especialmente maravilhado com a cena em que as ninfas apresentavam um modelo celestial a Vasco da Gama, explicando detalhadamente os mapas estelares e marítimos, mas, ao mesmo tempo, dizendo que os mitos gregos e romanos eram ilusórios. Na opinião desse leitor, isso refletia as pressões religiosas enfrentadas pelo poeta. De qualquer forma, o leitor considerou a leitura da epopeia camoniana um prazer, tornando a experiência de leitura tanto agradável quanto inspiradora. Alguns leitores acharam que valia a pena reler a obra, pois encontraram nela «uma ironia e um lamento que ainda são aplicáveis para os nossos dias, e até muito apropriados». Essa diversidade de percepções revela a riqueza e a complexidade da obra, reforçando a sua relevância e capacidade de ressoar em diferentes públicos ao longo do tempo.

Contudo, alguns leitores apresentaram críticas e questionamentos acerca de *Os Lusíadas*. Algumas dessas críticas incidem sobre a aparente dissonância estilística e temática do poema épico, argumentando que «a obra, em sua totalidade, constitui uma contradição intrínseca, ao fundir, de modo arbitrário, a exaltação do cristianismo com a intervenção dos deuses olímpicos, sem justificativa clara, o que resulta numa percepção de desarmonia e incoerência». Há quem considere que o poema incorre em uma visão demasiadamente laudatória de Portugal, oferecendo uma representação unilateral e simplificada da expedição de Vasco da Gama. Acrescentam-se a essas observações as críticas dirigidas ao aparato crítico, especialmente no que respeita às notas explicativas,

que, pela sua extensão excessiva, interfeririam na fluidez da leitura e comprometeriam a experiência estética e intelectual do leitor.

Em comparação com as edições anteriores, a versão de 2020 despertou consideravelmente mais interesse entre os leitores. A apreciação de *Os Lusíadas* por parte do público chinês, particularmente entre os leitores não especializados, cresceu de forma notável com o lançamento dessa nova edição pela Editora de Literatura e Arte de Sichuan. Esta nova edição não apenas atraiu 119 comentários de leitores, como também alcançou uma alta classificação de 8,5 pontos no Douban. Além disso, verificou-se um aumento expressivo no número de avaliações e resenhas, que refletiram uma diversidade de perspectivas, englobando tanto elogios quanto críticas à obra.

É inegável que a maioria dos leitores consegue apreender com clareza o tema central de *Os Lusíadas*, que narram a história da abertura da rota marítima ao Oriente por Vasco da Gama em 1498. Na observação dos leitores, esta narrativa é enriquecida por uma abundância de elementos históricos, lendas, figuras mitológicas e discussões entre deuses, conferindo à obra uma dimensão simbólica e alegórica. Entretanto, também reflete as duras vicissitudes enfrentadas pelo poeta ao longo da sua vida: «durante a Era dos Descobrimentos, Camões foi despachado por longos períodos para servir nas possessões portuguesas ultramarinas, participando de batalhas, onde perdeu um dos olhos». Na percepção dos leitores, a obra de Camões é um produto da Era dos Descobrimentos e está intrinsecamente vinculado à construção da identidade nacional portuguesa. Os leitores ficaram impressionados pelos seus versos, cuja imaginação se aproxima da de um romance, sugerindo que, quando bem elaborados, os eventos históricos poderiam superar, em dramaticidade, os épicos de natureza ficcional. Alguns leitores disseram que a obra os lembrava da *Odisseia*, enquanto outros destacaram que «é notável a grandiosidade da obra, mas é raro um épico nascer tão tardiamente». Um leitor comentou ainda: «Posso entender que tal forma poética tenha surgido na época de Homero, porém, é muito difícil imaginar que ainda estivesse em produção no século XVI. Isso evidencia o quão lento o progresso humano é».

Tal como os leitores das épocas anteriores, os leitores deste período também reconheceram o elevado valor literário de *Os Lusíadas*, considerando o seu estilo narrativo grandioso e magnífico, as suas descrições vívidas, e a sua magnitude e encanto próprios da epopeia. Não são poucos comentadores que destacaram a magnificência narrativa e os ricos simbolismos religiosos presentes da obra, considerando-a grandiosa e poderosa, repleta de elementos da mitologia grega e da fé cristã, o que reflete tanto o

patriotismo quanto o espírito pioneiro de exploração dos portugueses. De facto, bastantes leitores consideram *Os Lusíadas* «uma ode escrita pelo poeta em louvor de Portugal». Alguns a encararam como um épico nacional português, que exhibe o glorioso passado e a tradição espiritual do país, sendo, por conseguinte, uma importante representação da literatura lusitana. A epopeia foi frequentemente enaltecida pelo espetáculo grandioso que oferece, sendo vista como um marco épico da Era dos Descobrimentos e um importante testemunho da história da navegação portuguesa. Alguns leitores elogiaram a grandiosidade e a trama da epopeia, afirmando que «é realmente uma descrição de uma impressionante epopeia sobre a jornada para o Oriente». Um leitor salientou que «ficava tão admirado pela meticulosidade e pelo brilhantismo do autor ao descrever a navegação», porém, admitiu que «as intrincadas digressões e o início da narrativa sem graça quase me fizeram desistir da leitura. Porém, a partir do quarto capítulo, o autor parece possuído pelo espírito de Homero, e a poesia tornou-se cada vez mais fantástica, com narrativas magníficas e engraçadas». Ao concluir o comentário, o leitor realçou que Camões era um poeta ambicioso, dotado de uma habilidade abrangente que despertava inveja. «A sua generosidade e entusiasmo ao descrever lugares como Grécia, Roma e Portugal, juntamente com as suas vívidas representações das lutas contra os mouros, tornam-no verdadeiramente digno do título de poeta laureado de Portugal». A emblemática expressão poética «onde a terra se acaba e o mar começa» é frequentemente citada pelos leitores, que a interpretam como a representação de um vasto e orgulhoso domínio espiritual de uma nação. Um leitor, em particular, expressou o desejo de conhecer Portugal, afirmando: «um dia, espero poder pisar na Península Ibérica e testemunhar o majestoso Cabo da Roca, que parece tão próximo e distante ao mesmo tempo».

Quanto à qualidade da tradução, esta nova edição recebeu mais elogios por parte dos leitores, que elogiaram a habilidade do tradutor na sua capacidade de transposição linguística, permitindo que o ritmo e o conteúdo do original fossem vividamente preservados. Alguns afirmaram que a tradução os deixou entusiasmados e elevou o prazer da leitura. Outros acreditaram que a tradução conseguiu capturar fielmente a essência do original.

Por outro lado, os leitores deste período têm demonstrado um olhar mais crítico sobre o significado histórico de *Os Lusíadas*, indo além da sua apreciação puramente literária. Houve, entre eles, um crescente debate sobre o conteúdo colonialista da obra, com vários comentadores expressando aversão à sua glorificação da expansão colonial, bem como à representação discriminatória de outros grupos étnicos, tornando-a, segundo

esses críticos, difícil de ser plenamente aceite nos dias atuais. Um crítico questionou o viés colonialista e os preconceitos evidentes no poema, sugerindo que tais aspetos revelam as limitações do pensamento do autor e restringem o valor da obra em um contexto contemporâneo. Além disso, alguns leitores expressaram reservas quanto à qualidade literária de *Os Lusíadas*, argumentando que a narrativa se apresenta como monótona e desprovida de atrativos estilísticos capazes de cativar o leitor, chegando a classificá-la como entediante em certos trechos. Também se manifestaram críticas à construção dos personagens, apontando para a ausência de personalidades distintivas, o que, para esses leitores, resulta em uma narrativa que carece de autenticidade e profundidade emocional.

De modo geral, na perspectiva dos leitores comuns chineses, *Os Lusíadas*, enquanto uma joia clássica da literatura portuguesa, destacam-se pelo seu encanto e profundidade tanto na criação literária quanto na expressão cultural. O estilo narrativo magnífico e a riqueza de elementos históricos e mitológicos presentes na obra foram amplamente elogiados, ressaltando a sua capacidade de exaltar o espírito nacional e os feitos heroicos da Era dos Descobrimentos. Contudo, a representação do colonialismo na obra e os preconceitos contra culturas estrangeiras também provocaram controvérsias significativas. Esta epopeia também foi alvo de críticas pela sua evidente inclinação colonialista e pelo forte nacionalismo, sendo vista por alguns como uma glorificação inquestionável da expansão colonial de Portugal, o que é moralmente problemático à luz das perspectivas pós-coloniais contemporâneas. As avaliações mais recentes dos leitores têm refletido esse debate de maneira mais incisiva, especialmente à medida que o mundo contemporâneo revisita criticamente o passado colonial. Para muitos, embora *Os Lusíadas* sejam inegavelmente uma obra de grande valor estético e literário, do ponto de vista moral e ideológico, apoiam e glorificam um processo histórico marcado pela exploração e subjugação de outros povos, o que os torna, para alguns, de apreciação difícil sem reservas no contexto atual.

Para os leitores comuns chineses, *Os Lusíadas* não são apenas uma obra de grande valor literário, mas também um documento histórico que desperta controvérsia. Ao mesmo tempo que celebra a história de Portugal e as suas façanhas durante a Era dos Descobrimentos, a obra reflete a cultura e as ideologias daquela época, servindo como um retrato fiel do espírito da era em que foi escrita. Essa complexidade torna a epopeia um texto de imenso valor não apenas para a literatura, mas também para o estudo da história e da natureza humana, possuindo, por isso, um inegável valor académico e

instrutivo. O seu significado continuará a suscitar reflexões e debates, consolidando a sua relevância para a compreensão das questões morais e culturais que perduram até aos dias de hoje.

Conclusão

Graças ao apoio conjunto dos governos chinês e português, bem como ao entusiasmo dos admiradores da literatura de Camões na China, o processo de tradução, disseminação e receção de *Os Lusíadas* evoluiu de forma notável ao longo do tempo. Esse processo reflete o papel crescente da literatura portuguesa no intercâmbio cultural sino-lusófono e a importância de Camões como um objeto de diálogo entre as duas nações.

A versão chinesa, acompanhada de notas editoriais, prefácios e anotações, confere à obra um elevado valor académico, funcionando não apenas um modelo exemplar para a apreciação da grandiosa epopeia camoniana, mas também como uma base sólida para os investigadores chineses dedicados ao estudo de Camões e da sua produção literária. Para os leitores chineses, *Os Lusíadas* são reconhecidos não apenas pelo seu elevado valor literário, mas também como um documento histórico carregado de controvérsias. Esta complexidade torna a obra um texto fundamental para o estudo da literatura, da história e da natureza humana, conferindo-lhe um valor académico e instrutivo significativo. A sua importância e o seu significado continuarão a suscitar debates e reflexões.

A história das relações e intercâmbios entre a China e Portugal estende-se por mais de quinhentos anos, com a interação literária desempenhando um papel crucial nesse processo. O estudo da tradução e da receção da literatura portuguesa na China é parte essencial da história do intercâmbio cultural sino-português, contribuindo para um entendimento mais profundo entre os povos de ambos os países e promovendo o diálogo entre civilizações. Com o crescente interesse da indústria editorial chinesa pela tradução e publicação de obras literárias portuguesas, espera-se um número cada vez maior de obras seja introduzido no mercado chinês, ampliando a disseminação e a receção da literatura portuguesa na China.

Referências

ABREU, António Graça de (1981), Nota Breve de *Poesia de Camões*. Beijing, Academia das Ciências Sociais da China & Fundação Calouste Gulbenkian.

CHEN, Guangfu (1981), Prefácio de *Poesia de Camões*. Beijing, Academia das Ciências Sociais da China & Fundação Calouste Gulbenkian.

CHENG, Yongyi (2011), "A Estratégia Cultural de Precedência do Poder Ocidental na Literatura Clássica Hispânica e Portuguesa", in *Revista da Universidade de Ningbo (Ciências Humanas)*, julho, pp. 1-6.

LIN, Yi'an (1981), Prefácio de *Os Lusíadas*. Beijing: Editora de Documentos de Ciências Sociais de Beijing.

LIU Yiqing & LUO Jingguo (ed.) (2019), *História da Literatura Europeia*. Beijing: Editora Comercial.

LI, Xiangyu, "Camões e *Os Lusíadas*" in <https://www.cnki.net>, consultado em 20/09/2024.

SUN, Cheng'ao, "Camões e *Os Lusíadas*" in <https://www.cnki.net>, consultado em 20/09/2024.

WEI, Pizhi (2012), "Lendo Camões", in *Voz do Rio Amarelo*, No. 24, pp. 108-110.

XIA, Zhengnong (ed.) (2007), *Grande Enciclopédia - Volume de Literatura Estrangeira*. Shanghai: Editora de Dicionários de Shanghai.

XU, Yixing & Wang, Jiafei (2021), *O Grande Mestre da Épica Portuguesa: Camões*. Wuhan: Editora da Universidade de Ciência e Tecnologia Huazhong.

YAO, Feng (2012), "O Poeta Camões: Realidade e Lenda", in *Comentários sobre a Literatura Estrangeira*, No. 4, pp. 103-114.

YAO, Feng (2014), *História do Intercâmbio Literário entre a China e o Ocidente: China-Portugal*. Jinan: Editora de Educação de Shandong.

ZHOU, Ning (2021), "As Semelhanças e Diferenças Entre *Os Lusíadas* e as Epopeias Gregas", in *Ensino de Literatura*, julho, pp. 28-29.

ZHOU, Yunlong (2020), " O Olhar das Ninfas: Sexo, Império e Imagens da Ásia em *Os Lusíadas*", in Atas do Seminário Académico "Construção de uma Sociedade Moderadamente Próspera e Construção da Cultura Estética", pp. 94-102.

GU, Weiming (2015), "Camões e *Os Lusíadas*" in *Jornal da Universidade Normal Huadong da China (Filosofia e Ciências Sociais)*, vol. 44, nº 4, pp. 121-130.
www.douban.com